

# educação infantil

## Infância(s)





educação *infantil*  
Infância(s)

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Ronaldo Tadeu Pena  
*Reitor*

Heloisa Maria Murgel Starling  
*Vice-Reitora*

### **Pró-Reitoria de Graduação**

Mauro Mendes Braga  
*Pró-Reitor*

Carmela Maria Polito Braga  
*Pró-Reitora Adjunta*

Maria do Carmo Vila  
*Coordenadora do Centro de Apoio à Educação a Distância*

Ione Maria Ferreira de Oliveira  
*Coordenadora da UAB UFMG*

### **Faculdade de Educação**

Antônia Vitória Soares Aranha  
*Diretora*

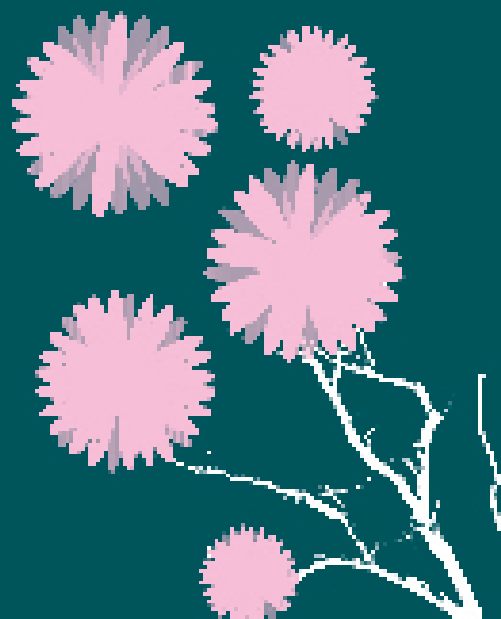
Orlando Gomes de Aguiar Júnior  
*Vice-Diretor*

### **Curso de Pedagogia UAB-UFMG**

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
*Coordenadora Geral*

Tânia Margarida Lima Costa  
*Vice-Coordenadora Geral*

Sérgio Dias Cirino  
*Coordenador do Eixo Integrador*



Maria Inês Mafra Goulart

# educação *infantil*

Infância(s)

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
Tânia Margarida Lima Costa  
(organizadoras)

Belo Horizonte  
CURSO DE PEDAGOGIA UAB UFMG  
2008

ORGANIZADORAS Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
Tânia Margarida Lima Costa

ASSESSORA PEDAGÓGICA Elza Vidal de Castro

REVISORA Maria Ribeiro dos Santos

CONSULTORAS PEDAGÓGICAS EM Fátima Regina Teixeira de Salles Dias  
EDUCAÇÃO INFANTIL Marília Barcellos Guimarães

PRODUTOR EDITORIAL Marcos Alves  
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

---

© 2008, Os autores e organizadores

© 2008, Curso de Pedagogia UAB UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do editor.

#### Ficha catalográfica

G694i Goulart, Maria Inês Mafra  
Infância(s) : crianças de 0 a 6 anos e suas  
especificidades / Maria Inês Mafra Goulart. – Belo Horizonte:  
UFMG/PROEX, 2008.  
40p. : il. (Educação infantil. Infância(s))

Obra produzida para o curso de Pedagogia da  
Universidade Aberta da UFMG

ISBN: 978-85-88221-16-1

1. Crianças – Linguagem. 2. Educação de crianças.  
3. Crianças – Desenvolvimento. 4. Psicologia infantil.  
I. Título. II. Série.

CDD: 372  
CDU: 37.018

Elaborada pela Central de Controle de Qualidade da Catalogação da  
Biblioteca Universitária da UFMG.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
Curso de Pedagogia UAB UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31270-901 - Belo Horizonte-MG  
Tel. 31 34097-7477

# INFÂNCIA(S): CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS E SUAS ESPECIFICIDADES

## ● ● ● ● ● AUTORA

### **Maria Inês Mafra Goulart**

Graduada em Psicologia pela PUC Minas, mestre em Educação pela UFMG, doutora em Educação pela UFMG, Professora de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadora do PRODOC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação Docente e do Núcleo de Educação Infantil da Faculdade de Educação da UFMG.

## ● ● ● ● ● EMENTA

Infância(s): crianças de 0 a 6 anos e suas especificidades

- Diferentes olhares sobre a infância: perspectivas da Sociologia, da Filosofia e da Arte;
- A natureza biológica e cultural do desenvolvimento humano: contribuições de Wallon e dos psicólogos russos;
- Especificidades do desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos: o nascimento cultural do ser humano por meio do surgimento das linguagens; corpo e movimento; brincadeira, imaginação e afetos na construção da identidade; relações entre linguagem e pensamento;
- O papel da educação no processo de desenvolvimento humano.





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. OLHARES SOBRE A INFÂNCIA .....	11
1.1 Primeiro olhar: imagens de crianças .....	12
1.2 Segundo olhar: a construção dialética da infância .....	13
1.3 Terceiro olhar: o enigma da infância .....	15
2. O NASCIMENTO CULTURAL DO SER HUMANO .....	17
3. O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS ENTRE ZERO E SEIS ANOS E O SURGIMENTO DAS DIVERSAS LINGUAGENS .....	21
3.1 Tudo começa com o corpo e o movimento .....	21
3.2 As linguagens, a brincadeira, a imaginação e os afetos: rumo à construção da identidade .....	23
3.3 A abertura de novos horizontes .....	27
4. CONCLUSÃO .....	29
5. BIBLIOGRAFIA .....	31
ORIENTAÇÃO DE ESTUDO .....	33
ESTUDO COMPLEMENTAR .....	39



# INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios para quem lida com crianças tão pequenas é reconhecer nelas sujeitos ativos, produtores e reprodutores de cultura. Essa tarefa não é simples porque o filhote humano nasce com alto grau de dependência dos adultos, o que suscita em nós uma forma de ver a criança como se dela tudo já soubéssemos. Ainda que seja interdependente da cultura do adulto, a infância tem sua cultura própria e merece ser considerada nos seus traços peculiares. Nessa perspectiva, ela não é vista como um sujeito passivo, à mercê de uma socialização inculcada por outros, mas um sujeito concreto, um ator social que, ao mesmo tempo em que sofre as influências do ambiente, modifica-o com sua ação.

Refletiremos, pois, neste texto, sobre a infância, ou melhor dizendo, sobre as infâncias com as quais convivemos, porque são muitas, inseridas em contextos sociais diferenciados, pertencentes a grupos étnicos diversos, com visões de mundo também diferentes. Assim sendo, o conceito de infância remete-nos a uma categoria geracional, histórica e socialmente construída.

Muitos professores em formação têm uma idéia equivocada de que trabalhar com as crianças bem pequenas é uma tarefa simples. Basta gostar e ter boa disposição para enfrentar um trabalho que exige muito corpo-a-corpo. Com certeza, gostar dessa faixa etária é fundamental. Mas, como veremos, há um engano quando pensamos que o trabalho com a criança pequena não exige tanto conhecimento. Usualmente, fazemos uma comparação com a profissão do médico. Por acaso um médico pediatra necessita menos conhecimento do que um geriatra? Pelo contrário. O bebê, por exemplo, não reconhece a origem do incômodo que sente e isso é manifestado sempre pelo choro. O médico precisa ter a habilidade de ouvir o choro da criança e, nele, identificar o que anda errado com ela. Assim como na profissão do médico, o educador infantil necessita desenvolver a habilidade de escutar a criança, de forma a compreender suas necessidades de cuidado, afeto e conhecimento. Pouca idade não é sinônimo de pouca complexidade. O ser humano é sempre algo complexo, quer tenha um ou oitenta anos.

Posto isso, propomos, portanto, abrir uma discussão que ajude a aguçar o olhar, no sentido de desbanalizar o contato com as crianças pequenas. No entanto, por se tratar de uma forma pouco usual de olhá-las, exigirá de nós certo esforço. Nossa opção é começar por uma reflexão que traz três olhares sobre a infância que nos afastam do senso comum. São as visões da Filosofia e da Sociologia da Infância que pretendem olhar a criança como a mensageira da novidade. Em seguida, vamos nos deter nos aspectos teóricos que tratam do nascimento cultural do ser humano, ou seja, buscaremos recursos na Psicologia para compreender de que maneira a criança pequena vai, aos poucos, dando significado ao mundo que a cerca. Finalmente, vamos nos valer dos conhecimentos já acumulados sobre o desenvolvimento infantil, ampliando o debate para o campo da educação.



# 1. OLHARES SOBRE A INFÂNCIA

Fazer uma reflexão sobre a infância nos remete a diferentes olhares sobre a criança. Esses olhares se entrecruzam, formando um mosaico que nos faz perceber que a infância, enquanto uma categoria social, não é homogênea, mas plural. E deve sempre ser pensada em relação a outros grupos geracionais.

Há pouco mais de uma década, o campo da sociologia começou a produzir estudos sobre a infância. Portanto, a preocupação com esse campo de conhecimento é muito recente para os sociólogos. A esse respeito, Manuel Sarmiento (2005), sociólogo português, elege dois conceitos como fundamentais para o entendimento da infância. O primeiro deles é o conceito de geração e o segundo de alteridade. Vejamos como esse autor discute esses dois conceitos.

Geração, para Sarmiento, constitui-se como um grupo de pessoas que, ao nascer na mesma época, vive acontecimentos sociais comuns, partilha experiências semelhantes, originando uma consciência comum, que permanece ao longo da existência do grupo. No entanto, apesar de partilhar experiências comuns, essas pessoas têm também suas diferenças de classes sociais, gênero e etnia. Podemos dizer que cada geração se constitui a partir de semelhanças e diferenças, ao mesmo tempo.

Exemplificando essa idéia, podemos dizer que adultos brasileiros, que hoje estão na faixa de idade entre 45 a 55 anos, viveram uma infância no tempo da ditadura militar. Embora pertencentes a diferentes classes sociais ou etnia, esse grupo passou por constrangimentos próprios do governo militar, em que o medo e a insegurança faziam parte de sua experiência. Muitos tiveram parentes e amigos próximos que foram presos, exilados ou mortos. Esse grupo geracional teve, ainda, como experiência comum, a luta para a construção da democracia neste país. No entanto, pessoas de classes sociais diferenciadas, assim como as mulheres e os homens, experimentaram formas diferentes de atuação nesse mesmo momento. É essa vivência, ao mesmo tempo comum e diferente, que nos dá uma identidade histórica.

Outro conceito importante salientado pelo autor é o de alteridade, ou seja, a idéia de que nos constituímos pelo olhar do outro. Os adultos, adolescentes e jovens se contrapõem às crianças, dando-lhes significados diferentes conforme se relacionam com elas. Para um adolescente, por exemplo, uma criança pode ser a expressão de um tempo de vida pela qual ele recentemente passou e não deseja retornar. Muitas vezes, a menina ou o menino é considerado por ele pirralho, aquele que atrapalha sua vida e não lhe dá sossego. Já para um adulto, a criança pode ser vista e significada como aquela que necessita cuidados, orientação e proteção. Os idosos, por sua vez, podem olhar a criança como portadora de vida e novidade que já lhes escapam por sua idade avançada.

No entanto, constituindo-se enquanto alteridade por meio da convivência com outros grupos geracionais, as crianças têm sua forma peculiar de ser e estar no mundo que

compartilham com seus pares. Dotadas de uma linguagem própria, com uma visão de mundo que lhes é particular, desenvolvem uma cultura infantil ao mesmo tempo próxima e distante daquela do adulto.

Esclarecidos esses pontos, selecionamos, neste estudo, alguns olhares sobre a infância. Três ângulos, entre tantos, foram escolhidos para sensibilizar nosso olhar. O primeiro deles diz respeito às imagens das crianças. Como temos visto a infância na atualidade? Temos conseguido nos aproximar desse universo tão próximo e tão distante ao mesmo tempo? O segundo olhar nos mostra que a infância nem sempre foi vista como a vemos na atualidade. A



Figura 1 - Campo de Shamak para deslocados em Pul-i-Kumri. Afeganistão, 1966.

Fonte:

<http://www.uc.pt/iej/alunos/2001/sebastiaoSalgado/rosto1.html>

cultura e a sociedade constroem uma forma peculiar de vê-la, que varia ao longo do tempo. Finalmente, passamos a olhar a infância como um enigma. Daí, como pensar a infância naquilo que ela tem de imprevisível?

### 1.1 Primeiro olhar: imagens de crianças

Sebastião Salgado, fotógrafo renomado no Brasil e no Exterior, nascido em Minas Gerais em 1944, mostrou-se sensível à captura das imagens de crianças. Tudo começou quando esse fotógrafo estava em uma região de Moçambique chamada Mopéia.

Famílias que fugiam da guerra civil haviam sido deslocadas para Mopéia. Enquanto trabalhava, Salgado era assediado por diversas crianças que corriam para ele, na tentativa de conseguir uma foto. Para se livrar da situação, ele resolveu colocá-las em fila e fotografá-las.

Esse mesmo procedimento foi usado por ele como estratégia para se ver livre também das crianças de outros lugares, de outros campos de refugiados. Tempos depois, quando se deparou com as fotos, percebeu a intensidade delas. Diz ele:

O grupo ruidoso se transformara em indivíduos que, por meio da roupa, da pose, da expressão e do olhar, contavam suas histórias com franqueza e dignidade desarmantes. Os olhos daquelas crianças, mais do que qualquer outra coisa, eram como janelas de suas almas (SALGADO, 2000, pg. 8).



Figura 2 - Escola em Natinga para os sudaneses deslocados das suas casas. Sul do Sudão, 1995.

Fonte:

<http://www.uc.pt/iej/alunos/2001/sebastiaoSalgado/rosto1.html>

Sebastião Salgado, então, passou a ver as crianças com outros olhos. Os olhos de quem vai ao encontro do desconhecido. Ele prossegue:

E o que, na realidade elas estão sentindo? Só podemos tentar adivinhar. [...] O mistério é, justamente, parte do que nos atrai nas crianças. Quando elas olham para a câmera, estão atrás de esperança e compaixão? Ou isso é apenas o

que nos parece que elas merecem?  
(Idem, ibidem).

Por que trazemos Sebastião Salgado para abrir esta discussão? Ele não é educador, tampouco sociólogo, psicólogo ou historiador. Mas sua sensibilidade permitiu que fosse ao encontro desse ser chamado criança e o olhasse de uma maneira nova, enfrentando o mistério que se esconde por traz de cada criança que inicia seu percurso de vida. É esse olhar, que desbanaliza esse ser tão comum a todos nós, que queremos trazer para a nossa reflexão aqui. O convite é para que possamos desbanalizar a imagem da infância.



Figura 3 - Primeira comunhão em Juazeiro do Norte. Brasil, 1981.

Fonte:

<http://www.uc.pt/iej/alunos/2001/sebastiaoSalgado/rosto1.html>

É bem verdade que sabemos muito da infância, mediante nossas práticas e nossas leituras. Assim, num livro tradicional de psicologia, tomamos conhecimento das satisfações das crianças, de seus medos, de seus modos peculiares de sentir e de pensar. Num estudo sociológico, tomamos consciência de seu desamparo, da violência exercida sobre ela, dos números e estatísticas da infância nas diversas culturas. Nas escolas, temos observado práticas educacionais especializadas no tratamento da criança. Nas lojas, encontramos roupas, brinquedos, livros e uma enormidade de artefatos produzidos especialmente para as crianças. Afinal, não há nada mais comum do que a infância. Já fomos crianças, somos pais e mães, tias e professoras. O que nos resta, então, para falar sobre a infância?

Por outro lado, nosso objetivo aqui não é analisar essas visões de criança nem tampouco construir uma imagem da infância, mas uma imagem a partir do encontro com a infância. Nessa medida, procuraremos analisar o encontro com um estranho, um cara-a-cara com um enigma. Isso mesmo, estranhar aquilo que nos é banal.

## 1.2 Segundo olhar: a construção dialética da infância

Como tantos outros sociólogos e filósofos que têm se dedicado ao estudo da infância, Max Wartofsky (1999) afirma que a infância não é um fato natural, mas um atributo cultural. Por que esse filósofo faz uma afirmação tão estranha? Porque pensa o ser humano ao mesmo tempo como um ser biológico e social. Crianças sempre existiram e sempre existirão. Mas a forma como pensamos a infância em nossa sociedade é construída socialmente. Por isso, segundo ele, a infância é um artefato de feitura humana, ou seja, nossa estrutura natural e biológica se desenvolve a partir de uma estrutura social e cultural.

Mas, por outro lado, a sociedade e a cultura não determinam de forma absoluta aquilo que a criança vai ser. Ao agir, ela reconstrói o mundo em que vive. Por meio de sua curiosidade, inventividade e capacidade de colocar o mundo às avessas, a criança também é agente de sua própria construção. Daí o seu caráter dialético: ao mesmo tempo em que a cultura produz a criança, ela, por sua vez, reconstrói a cultura à sua maneira.

Como podemos ver, essa não é uma maneira muito comum de pensar a infância. Dizer que a criança é, ao mesmo tempo, produto e produtora de cultura pode nos parecer uma idéia confusa. Para o entendimento dessa idéia, tomemos, como exemplo, crianças entre zero e seis anos, da cidade de Belo Horizonte, que tiveram acesso, recentemente, a instituições educativas municipais de qualidade, com amplo espaço físico e com recursos materiais variados. O acesso à cultura escolar criou-lhes uma forma específica de compreender e significar o mundo, mas, ao mesmo tempo, ao se inserirem nessas instituições, outras demandas foram mudando a forma de interação naquele ambiente. Do ponto de vista das escolas de educação infantil, por exemplo, ampliou-se a idade de atendimento: antes, apenas crianças a partir de quatro anos de idade e, atualmente, todas até seis anos. A inserção das crianças de zero a três anos de idade mudou toda a dinâmica dessas escolas, trazendo desafios que têm levado à discussão da prática nessas instituições educativas.

Como vimos, o movimento é duplo: de um lado, as crianças são constituídas por essa nova cultura escolar que passou a fazer parte de suas vidas; por outro, suas ações transformam a maneira como as professoras lidam com elas e com a prática escolar em geral.

No entanto, essa idéia revolucionária apresentada pelo filósofo nem sempre foi percebida pelas pessoas. Na maioria das vezes, o adulto procura compreender a criança a partir de seu próprio referencial. Durante muito tempo, convivemos com duas concepções de criança:

- visão da criança como um adulto em miniatura, com as características do adulto já prefiguradas, esperando para serem desdobradas. Assim, o desenvolvimento correto é aquele que conduz ao que o adulto já conhece. O resto é desvio, anomalia. Essa forma de pensar a infância foi denominada Teoria do Homúnculo;
- visão da criança como um selvagem necessitando ser domado, à espera da socialização. O animal-criança, nessa perspectiva, vem ao mundo em, pelo menos, duas modalidades: a criança selvagem, arredia, ou então o bom selvagem, inocente, isenta de pecado, aberta tanto à corrupção quanto à beatitude. Essa forma de conceber a infância ficou conhecida como Teoria do Selvagem.

Em ambas as concepções, a criança é caracterizada como um ser passivo, uma argila a ser moldada. Essas concepções estão presentes ainda hoje nas propostas pedagógicas, até mesmo de escolas consideradas progressistas. Por exemplo, quando damos ênfase nas dificuldades das crianças em vez de refletirmos sobre o esforço que elas fazem para compreender o mundo, o que temos em mente é um desenvolvimento correto, que conduz o sujeito por uma única estrada, uma forma adulta já predeterminada e supostamente conhecida.

Todavia, a prática e a pesquisa com a criança pequena têm nos mostrado que a capacidade de aprender, de criar e recriar o mundo ao seu redor é muito mais complexa e rica do que supomos. Nas palavras do filósofo:

Considero um princípio de correta teoria da aprendizagem que a capacidade de aprendizado, descoberta, imaginação e resolução da criança é bem mais rica e complexa do que qualquer matriz que o mundo adulto possa enunciar para o que tem de ser aprendido ou o que pode ser ensinado. Se as crianças aprendessem só

o que fossem ensinadas (ou pudessem ser ensinadas) a espécie teria acabado há muito tempo – talvez depois de uma única geração! (WARTOFSKY, 1999, pg110)

Devemos admitir, entretanto, que a noção de infância não surgiu do nada. Tem sua história que é cheia de contradições. Remonta ao século XVIII, quando o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) lança a idéia de infância como um tempo à parte, um tempo em que a natureza humana ainda não foi corrompida pela sociedade e guarda sua pureza e inocência. A concepção de infância trabalhada por Rousseau aparece, especialmente, em seu livro *Emílio* (1762), no qual ele traça as bases do que concebe como um projeto pedagógico.

Mas, foi principalmente no último século, com o avanço dos conhecimentos sobre a infância, que passamos a reconhecer a criança como cidadã e não mais simplesmente como um futuro adulto. Valendo-nos dos conhecimentos produzidos por vários campos do conhecimento como a Medicina, a Psicologia, a Sociologia, a História, a Antropologia e outros, as práticas com a infância transformaram-se profundamente.

No Brasil, essa transformação pode ser percebida ao longo do último século. O acesso à educação institucionalizada das crianças, especialmente das classes trabalhadoras, surgiu inicialmente como apoio e assistência às famílias, mas gradualmente foi se constituindo como direito das crianças. Essa reviravolta na concepção de infância como direito expandiu formas de atendimento às crianças de zero até seis anos. A democratização da educação das crianças menores de sete anos nos levou a pensar nas propostas educativas a serem trabalhadas nas instituições de atendimento das crianças das diversas camadas sociais de nossa população.

Nos últimos anos, temos assistido a uma ampla discussão em torno do direito das crianças a uma educação de qualidade. Entretanto, ainda há muito o que fazer em relação à definição sobre o que é qualidade em termos de educação infantil. Para isso, precisamos compreender a infância não apenas como um momento de vida de todo ser humano, mas também como uma forma de ser e estar no mundo que traz a novidade. A entrada em cena da criança na família, na escola e nos diversos espaços sociais dá nova forma às relações que se estabelecem nesses espaços e cria oportunidades de renovação. O terceiro olhar nos traz essa reflexão.

### **1.3 Terceiro olhar: o enigma da infância**

Finalmente, olharemos a infância como enigma. E, por que o enigma? Porque, apesar do nosso amplo conhecimento sobre as crianças pequenas, ainda somos surpreendidos por algo novo, que não pode ser de todo apreendido, aprisionado, muito menos preconcebido. A infância, portanto, tem essa dupla face: por um lado, apresenta uma dimensão muito familiar; por outro, está em constante renovação.

No entanto, a novidade só se torna visível quando o adulto abre mão do desejo de que a criança concretize suas expectativas. Afinal, o futuro ainda está por se fazer e necessita da inventividade dos novos membros da sociedade, que são as crianças.

Pensar na educação da criança pequena dentro dessa perspectiva demanda observar, atentamente, os movimentos empreendidos pelas crianças no cotidiano da instituição

educativa. Via de regra, nós, adultos, tanto em casa quanto na escola, acabamos conduzindo demais as crianças. Na escola, por exemplo, é comum sermos surpreendidos por respostas, textos jamais esperados por nós. A propósito, certa vez, imbuídos do desejo de acolher a novidade, propusemos a um grupo de crianças pequenas de uma escola pública do Município de Belo Horizonte que criassem uma história coletiva. Elaboramos uma estratégia especial para que elas pudessem se manifestar à vontade. Eis a história do grupo:

#### Juliana e seu perigo

Era uma vez uma menina esperta. Ela se chamava Juliana. Um dia, Juliana saiu de casa e foi passear num parque. Lá no parque aconteceu uma batida com os carrinhos de brinquedo. Nessa batida Juliana caiu e morreu. Juliana foi pro caixão. O caixão foi pro cemitério. Aí jogou terra no caixão e enterrou a Juliana. No cemitério tinha mato e flor. Depois Juliana foi pro céu e virou anjinho. Lá no céu tem que ter respeito. Lá no céu tinha um buraco e a Juliana caiu na Terra outra vez. Agora, Juliana fica brincando e voando aqui na Terra. (GOULART, 1992, pg 295)

Nossa perplexidade foi grande. Nunca supomos que crianças tão pequenas pudessem se expressar dessa maneira. Esperávamos que as crianças criassem uma história romântica, incluindo menininhos e meninhas travessos ou comportados, mas inocentes e protegidos. A história criada por essa turma pode ser analisada sob diferentes pontos de vista, como a análise que fizemos anteriormente (GOULART, 1992). No entanto, não é nosso intuito desenvolvermos uma análise no momento, mas alertarmos para esses possíveis encontros com o desconhecido. Importante, aqui, é que as crianças puderam se expressar e conversar sobre seus medos, sua vivência, que inclui a morte de crianças em seu cotidiano, os sentimentos de desamparo e as possibilidades diversas de criar alternativas viáveis de vida digna na comunidade a que pertencem.

Em síntese, procuramos analisar as várias concepções de infância que permeiam os diversos olhares aqui tratados. Com isso nos foi possível ampliar as possibilidades de se ver a criança como um sujeito ativo e participante da cultura e da sociedade.

## 2. O NASCIMENTO CULTURAL DO SER HUMANO

Para participar da cultura e da sociedade, o ser humano precisa realizar um duplo nascimento: o nascimento biológico e o cultural. Isso quer dizer que a natureza do desenvolvimento humano é sempre biológica e cultural ao mesmo tempo. A cada conquista do desenvolvimento biológico, outras ocorrem no plano cultural. Portanto, podemos dizer que a criança se desenvolve de forma integrada. Ela se constitui como membro de um grupo social, desenvolvendo sua personalidade e suas condições físicas de desempenho no ambiente.

Uma matriz de pensamento fértil para pensarmos essa dupla natureza humana é a abordagem histórico-cultural, desenvolvida principalmente pelos psicólogos russos Vygotsky, Luria e Leont'ev entre as décadas de 1920 e 1930. Assim como seus protagonistas, outros teóricos, como Henri Wallon, comungavam os mesmos princípios. Quanto a Wallon vale lembrar:

Henri Wallon (1879-1962) foi médico e psicólogo francês. Dedicou sua vida ao estudo da criança, revolucionando, na época, os conceitos de infância, de desenvolvimento e aprendizagem. Extraiu do seu meio familiar os ideais de liberdade e solidariedade que se tornaram fortes quando de sua participação na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, participou do Ministério de Educação, quando, então, concebeu, junto com Paul Langevin, um projeto educativo baseado em suas concepções de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse projeto, propõe a organização do ensino por ciclos de formação.

Para esse conjunto de pensadores, o ser humano se desenvolve buscando superar a constante tensão que emerge da contradição entre ser um sujeito biológico e cultural.

Na realidade, desde que a criança nasce, compartilha, com os membros do seu grupo, os diversos sistemas simbólicos que fazem parte de sua cultura. Assim, não só conversamos com a criança como também produzimos gestos, expressamos sentimentos, emitimos sinais significativos dentro de nosso meio cultural que nos ajudam a categorizá-lo, organizá-lo de modo a nos sentirmos confortáveis e seguros em nosso ambiente. Esses pensadores preocuparam-se em compreender como o ser humano produz e reproduz esses sistemas simbólicos de maneira a desenvolver a cultura e construir sua identidade pessoal e social.

Para Wallon (1986), o ser humano é organicamente social. Mas, o que vem a ser uma expressão que nos parece, à primeira vista, tão contraditória?

Wallon descreveu e teorizou a metamorfose por que passa o ser humano em sua trajetória ao longo da vida. Ele nos advertiu que as oposições entre criança e adulto, entre biológico e social, entre indivíduo e sociedade são falsas, pois trata-se de dois elementos de uma mesma unidade. Alguns exemplos esclarecem essa questão:

Assim, nascemos com um corpo que nos permite relacionar com outras pessoas e com o mundo ao nosso redor. Nossos sentidos possibilitam-nos experiências

diversas que nos ajudam a compreender e organizar o mundo. Nosso corpo funciona como possibilidade, mas também como constrangimento. Uma criança, antes de completar um ano de idade, já é capaz de explorar o ambiente ao seu redor, fazer uma infinidade de movimentos, expressar-se por meio do choro, do balbucio, dos gestos. No entanto, é incapaz de correr, pular e andar de bicicleta com seus amiguinhos. É nesse jogo contraditório que o desenvolvimento humano se processa.

O desenvolvimento biológico e o desenvolvimento social, portanto, são condição um do outro. Em outras palavras, é o nosso corpo que nos permite estar no mundo. Participando da cultura, o bebê humano potencializa as condições biológicas que já traz desde o nascimento, ampliando sua capacidade de agir. A figura 1, mostra essa relação de interdependência entre o desenvolvimento biológico e o cultural.



Figura 4. Desenvolvimento humano: relação de interdependência entre aspectos biológico e cultural

Preocupado em compreender essa reciprocidade, Wallon (1968) investigou a função motora nos recém-nascidos, sobretudo a tonicidade, e construiu uma teoria que visa explicar essas relações. Concluiu esse autor que o bebê humano é, dentre os animais, aquele que nasce com maior precariedade. Somos insuficientes ao nascer. Não fosse o cuidado dos adultos, morreríamos em poucos dias. Observando os bebês, Wallon percebeu que o cuidado dispensado à criança pelo adulto inclui o toque e a manipulação do corpo do bebê. Nesse movimento do outro, as primeiras atitudes tomarão forma. Essas atitudes corporais (estar com o corpo relaxado ou tenso) revelam os estados emocionais da criança: bem-estar, indisposição, etc. A emoção, portanto, condensa tanto os fatores biológicos, porque se manifesta no corpo do bebê, tanto os psicológicos porque revela seu estado psíquico e tanto, ainda, os sociais porque é a forma pela qual o bebê se comunica com o outro.

Wallon, então, elege a emoção como a primeira manifestação humana, rumo à simbolização. Segundo ele, a emoção oscila entre estados de comunhão, de confusão com o

outro, de oposição e discriminação. A cena descrita a seguir esclarece bem o ponto de vista desse autor:

Carla, um bebê de dez meses, frequenta uma instituição educativa. Na sala em que se encontra há colchões espalhados pelo chão, muitos brinquedos e uma barra afixada na parede, que auxilia as crianças em sua locomoção. Carla ainda não está andando, mas já faz tentativas de sucesso para se colocar de pé apoiada na barra. Nesse momento, Carla faz algumas tentativas e, finalmente, coloca-se de pé segurando na barra, balançando seu corpinho. Enquanto isso, a educadora que está nas imediações interage com outro bebê que solicita sua atenção e mesmo seu colo. Carla permanece alguns segundos de pé, fazendo movimentos de balanceio e depois cai sentada no colchão virada para a parede. Nesse momento começa a choramingar, colocando a cabecinha no colchão. A educadora, sentada no chão com o outro bebê no colo, vira Carla para si e oferece seu colo. Carla continua a choramingar e contamina a outra criança que se põe também a choramingar.

*(Cena gravada em videotape por uma aluna bolsista de iniciação científica do curso de Pedagogia da FaE – UFMG- 2005)*

Há diversas possibilidades de leitura dessa cena. Assim, se nos apoiarmos nas idéias de Wallon, veremos aí uma multiplicidade de interações. Inicialmente, Carla explora o ambiente com seu corpo, pois já consegue ficar de pé com o auxílio da barra, mas não demoradamente. No entanto, ainda é possível observar constrangimentos ocorrendo ao mesmo tempo. Carla revela suas possibilidades de interação com aquele objeto, balançando-se por alguns segundos, ao mesmo tempo em que revela seu estado emocional. O objeto de apoio, a barra, amplia suas possibilidades de estar no mundo naquele momento. Graças a esse artefato produzido pela cultura (que são sujeitos e coletividades trabalhando para que possamos ter melhor qualidade de vida), Carla pode exercitar sua transição entre ser quadrúpede (engatinhar) e ser bípede (andar), impulsionando seu desenvolvimento biológico. Quando finalmente seu corpo impõe limitação e cai, Carla nos leva a crer que houve mudança de humor. Percebemos, então, sua frustração, que nos é revelada por meio de uma fala inicial, manifestada pelo choramingo. Não é um choro de dor, mas uma fala, fala essa que poderíamos traduzir para o nosso mundo adulto, como: Puxa! Estava tão bom brincar daquele jeito!

A educadora, por sua vez, não teve a oportunidade de notar a cena por estar virada de costas para Carla. Ela ouve o choramingo e interpreta-o como um pedido de socorro. Sua interpretação condiz com o contato que está tendo com outro bebê que lhe pede colo. Então, baseada nessa interpretação, a educadora vira Carla de costas para a barra, posicionando-a de frente para si e oferece-lhe seu colo, seu carinho. No entanto, não é bem isso que Carla quer e, portanto, continua falando por meio do choramingo.

Essa cena, que ocorreu em menos que dois minutos, ilustra bem a afirmação de Wallon, segundo a qual o ser humano é organicamente social. Vimos o corpo do bebê falando, comunicando com o outro, as emoções aflorando e uma interação rica entre educadores, crianças e artefatos culturais. Corpo, emoção e sociabilidade estão presentes concomitantemente, participando da descoberta que a criança faz de suas possibilidades, constrangimentos e das possibilidades e constrangimentos do mundo que está à sua volta. É nesse jogo dialético em que o desenvolvimento e a aprendizagem humana se processam.

Angel Pino (2005), utilizando a mesma matriz teórica, nos diz que o choro do recém-nascido é nitidamente de origem orgânica. Surge espontaneamente como descarga de tensão em situações de desconforto, como a fome, mudanças térmicas como o frio ou calor, entre tantos outros. No entanto, com o passar dos meses, o choro vai adquirindo um valor de meio de expressão, ou simbolização, como é o caso de Carla, citado anteriormente. Existe, portanto, uma transformação de uma reação natural, própria da matriz biológica que faz parte de nossa natureza humana, para uma forma de representação. Podemos falar, então, de uma ação do meio cultural sobre uma função biológica. Esse choro passa a ter ora uma função de linguagem, ora função de controle da criança sobre o meio.

Assim sendo, a discussão sobre as relações entre o biológico e o cultural no ser humano nos remete novamente aos princípios formulados por Vygotsky, ou seja, o da origem social das funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas superiores, como por exemplo, a memória, a percepção, a atenção, o raciocínio, entre outras, são responsáveis pelas condutas tipicamente humanas. Para Vygotsky, o desenvolvimento dessas funções se dá na interação do sujeito com o meio sociocultural.

Para sustentar essa tese, Vygotsky formula o conceito de mediação, que é potente para explicar essa passagem do ser humano de ser biológico para ser cultural. Para ele, a maior parte das ações praticadas pelo ser humano é mediada pelos instrumentos e signos culturais. Como exemplo, ele apresenta a construção do gesto de apontar. O bebê, a princípio, estica os braços na direção do objeto que deseja alcançar. O adulto que interage com a criança interpreta esse movimento como um gesto de apontar e faz o mesmo. Participando dessa atividade, o bebê aprende o gesto de apontar. Ou seja, o gesto foi construído na interação com o outro, mediado por significados culturais.

Uma conseqüência lógica desse princípio geral formulado por ele é que a história humana implica um novo nascimento: o nascimento cultural. Somente o nascimento biológico não é suficiente para fazer surgir essas funções que definem nossa espécie. Ao longo do desenvolvimento de cada criança e, especialmente nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento cultural vai se definindo em um movimento constante entre as possibilidades naturais e biológicas e as diversas apropriações que a criança vai fazendo ao entrar no mundo simbólico.

Mas, as maneiras pelas quais as crianças entre zero e seis anos de idade iniciam seu percurso no mundo da cultura constituirão o tema do próximo tópico.

### 3. O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS ENTRE ZERO E SEIS ANOS E O SURGIMENTO DAS DIVERSAS LINGUAGENS

Até agora discutimos idéias sobre a infância, o desenvolvimento humano e a aprendizagem, enfocando aspectos mais polêmicos que fazem parte da discussão atual sobre o universo infantil. Neste debate, estão presentes idéias controversas e inovadoras que nos ajudam a sair do lugar comum e construir um olhar mais instigador sobre a criança pequena. Entretanto, várias áreas de conhecimento, como as neurociências, a psicologia do desenvolvimento, a antropologia e lingüística já têm consolidado saberes sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança que são importantes serem socializados.

Esse conhecimento teórico já nos permite fazer algumas afirmações, como por exemplo: a criança entre zero e seis anos não pode ser vista em seu isolamento, mas como membro de um grupo cultural, que se desenvolve física, emocional e culturalmente de forma integrada. Podemos, também, afirmar que as interações que ela estabelece com as pessoas, os objetos e a natureza são a mola propulsora de seu desenvolvimento. Não podemos, ainda, nos esquecer de que a criança busca, incessantemente, dar significado ao mundo que a cerca e, para isso, procura vivenciar os diversos papéis sociais que observa em seu grupo social.

Assim, ao pensarmos na educação da criança entre zero e seis anos de idade em espaços educativos próprios, teremos de considerar que é nesse momento que ela realiza seu segundo nascimento, ou seja, desperta para o mundo simbólico cultural a que pertence. Nesse sentido, é central o papel do professor, da coletividade, dos instrumentos culturais e das práticas sociais.

#### 3.1 Tudo começa com o corpo e o movimento

Pesquisas recentes apontam a grande plasticidade que é o cérebro humano no início da vida (LIMA, 2001). Isso significa dizer que a criança, nesta faixa etária, possui maior capacidade de estabelecer conexões nervosas do que em outros momentos. E isso é necessário, devido a amplitude de aprendizagens que o ser humano terá que realizar logo no início de sua vida. Afinal, desde que nasce, a criança aprende. Mas não aprende sozinha. Aprende em grupo, no contato com os objetos, observando e experimentando o mundo ao seu redor. No início da vida humana, o movimento é a base do desenvolvimento do sistema nervoso, que também não se faz de forma autônoma, mas por meio da relação da criança com o mundo que a rodeia.

Assim, será por meio da exploração do seu entorno que o bebê terá a chance de ampliar suas possibilidades de aprendizagem. O movimento e a exploração começam pelo próprio corpo do bebê e se estendem ao ambiente em que a criança está inserida. Como ela depende do adulto para quase tudo, é importante oferecermos a ela oportunidades variadas de estabelecer contato com o meio. No berço, a criança tem a possibilidade de explorar o próprio corpo, brinquedos e móveis que, porventura, estiverem ao seu alcance. Sentada, tudo muda. O olhar se dirige em outra perspectiva, a mobilidade dos braços e pernas é diferente daquela quando a criança estava deitada. Colocada ao chão para engatinhar, as crianças podem exercitar movimentos mais amplos, buscar o contato com outras crianças,

experimentar lugares onde caiba ou não o seu próprio corpo. Objetos como cadeiras, sofás podem servir de apoio para exercitar a posição de pé, para equilibrar o corpo e aventurar os primeiros passos.

Mas é a posição ereta um dos primeiros passos para a consolidação da entrada da criança na cultura, que se completa com o aparecimento da fala. Correr, brincar, subir, pular são atividades que ampliam as possibilidades de apreensão dos diversos significados estabelecidos culturalmente.

Conforme assinalamos anteriormente, o movimento, desde sua origem no recém-nascido, não se desenvolve autonomamente. Está interligado com a percepção, com a memória e com a emoção. Difícil pensarmos em um desenvolvimento que não esteja conectado ao outro. As sensações se reconstroem em percepções cada vez mais complexas. Estas ativam centros da memória que, aos poucos, vão delineando o aparato intelectual e emocional da criança. Por sua vez, a exploração não se faz ao acaso. É movida por um motivo, que tem por base o desejo da criança. Esse desejo, como nos ensinou Wallon, é a emoção se expressando por meio do corpo, do movimento, das vocalizações, do olhar.

Dessa exploração viva do ambiente emergem processos simbólicos que, paulatinamente, vão se constituindo durante o primeiro ano de vida. Isso é possível porque o sistema nervoso também vai amadurecendo. Portanto, em certo aspecto, há um tempo para tudo. E esse tempo independe, muitas vezes, da ação do adulto.

Em suma, exercitando o corpo, a mente, a socialização, os afetos as crianças, no primeiro ano de vida, vão elaborando os diversos sistemas simbólicos que fazem parte da cultura humana. A fala é um forte indicador de que a criança ultrapassou a barreira do desenvolvimento biológico e aventurou-se na difícil tarefa de ser humana. Vygotsky aponta esse momento como talvez o mais importante do desenvolvimento humano.

A propósito, podemos encontrar indícios dessa formação em situações, por exemplo, em que os bebês começam a procurar objetos que escapam de sua visão. Eles, então, compartilham com os adultos de uma brincadeira muito comum, que é a de esconder e achar. Quem não brincou de esconder e achar um pequeno ursinho de pelúcia, ou mesmo, de jogar a fralda no rosto do bebê para depois achá-lo ao retirar a fralda? Essas formas de interação vão dando à criança a dimensão de que o mundo permanece, mesmo que ela não o possa ver.

Esses momentos foram muito bem descritos por Piaget (1970), que ressalta, também, a importância do papel da imitação. Na imitação, aparentemente, a criança faz tudo aquilo que vê o adulto fazer. Imita seus gestos, suas expressões, sua entonação de voz. No entanto, essa repetição é apenas aparente. Como nos mostram as pesquisas de Piaget, em toda imitação a criança transforma pequenos elementos até poder realizar a atividade sem a presença da pessoa. Isso significa que, gradativamente, ela foi construindo uma representação mental do mundo ao seu redor. É essa capacidade que faz com que ela possa se apropriar de qualquer sistema simbólico construído socialmente como a fala, a escrita, o desenho, o sistema de numeração, enfim, todo o mundo simbólico criado pela cultura.

E, então, chegamos à fala humana, a grande revirada da humanidade. O bebê, ao conquistar essa capacidade, reedita um curso de desenvolvimento que não está posto para as outras espécies animais. Portanto, esse é realmente um grande momento, um grande salto no desenvolvimento que se renova a cada ser humano que nasce.

No entanto, o corpo continua falando, expressando-se, emocionando-se. A cada nova apropriação da cultura, as aquisições anteriores são re-significadas. As expressões corporais apropriadas pela cultura manifestam-se na arte, no esporte e em diversos campos do conhecimento. Um exemplo é esta escultura de Rodin denominada *O pensador*.

Ao observar esta escultura podemos concordar com o que diz o próprio Rodin: "Ele não pensa apenas com seu cérebro, suas narinas dilatadas e seus lábios cerrados, mas com cada músculo de seus braços, de suas costas e de suas pernas, com seu punho crispado e seus dedos contraídos".

O corpo e o movimento continuam, portanto, a ter um papel central em nossas vidas. Haja vista que sem ele não podemos existir. E esse corpo ainda guarda a memória. Memória afetiva desde os tempos de infância, memória motora do desenvolvimento corporal, memória da experiência vivida.

Posto isso, quando vemos uma cena de crianças e adultos reunidos em um momento de atividade, o que poderemos perceber? Corpos se comunicando, falando, escrevendo, se esticando, se encolhendo, parados, em movimento. E quando um adulto estimula e elogia uma criança? Um corpo abrindo-se em sorrisos, relaxando-se. E o que veremos quando o adulto repreende duramente uma criança pequena na frente dos outros? Um corpo encolhendo-se, retesando-se, sumindo no meio do grupo. O ser humano se desenvolve por inteiro, falando e se expressando com toda sua corporeidade.



**Figura 5** – O Pensador, obra esculpida em bronze, entre 1880 e 1882, de August Rodin, escultor francês (1840 – 1917).

**Fonte:**

<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/896>

### 3.2 As linguagens, a brincadeira, a imaginação e os afetos: rumo à construção da identidade

A apropriação das diversas linguagens tem origem logo que o bebê nasce e se prolonga ao longo da vida.

Quando bem pequenos, os bebês são acalentados, cuidados, alimentados e essa relação com o adulto é plena de linguagens, brincadeiras e afetos. Ao trocar as fraldas ou ao dar o banho, por exemplo, os adultos conversam, brincam e afagam a criança. É esse conjunto de ações e manifestações afetivas que propiciam a socialização, a aprendizagem das diversas linguagens e a construção da identidade.

Nessas circunstâncias, o sorriso, o olhar e as expressões visuais, por exemplo, são elementos fundamentais que permeiam as interações entre as pessoas e, nas crianças bem pequenas, constituem, muitas vezes, formas de comunicação

de seus estados emocionais. É pela movimentação, expressão do corpo, entonação da voz que a comunicação entre as crianças e os adultos se estabelece.

No universo infantil, essas formas de interação são permeadas pela brincadeira. No primeiro ano de vida, a criança aprende a brincar por meio do jogo interativo com o adulto. A mímica facial, os risos partilhados, o uso de brinquedos e a exploração do próprio ambiente da casa ou da creche cria um clima propício para se desenvolver uma atividade que, na cultura humana, é denominada brincadeira. Podemos afirmar que o brincar é a atividade por excelência da criança pequena por revelar a estrutura de seu mundo: como seu pensamento se organiza, como seus afetos se constituem, como lida com a construção de sua própria identidade (LIMA, 2002).

Inicialmente, as brincadeiras são mais restritas ao ambiente mais próximo da criança. Mais pra frente, começam a ser partilhadas com outros adultos e crianças. O jogo e o faz-de-conta aparecem de forma a ampliar a compreensão da criança acerca dos papéis sociais, das regras implícitas, do que se pode ou não fazer. Brincando, as crianças conquistam progressivamente sua independência em relação ao mundo adulto.

Tanto as regras quanto a imaginação fazem parte da brincadeira infantil. A criança se coloca no papel do outro e procura compreender as relações que se estabelecem nos grupos sociais.

Vygotsky (1988) nos alerta para o fato de que as crianças não brincam por prazer, mas o fazem pela necessidade. Quanto menor a criança, menor é o intervalo entre o que deseja e a satisfação de sua necessidade. Por meio da brincadeira, crianças um pouco maiores conseguem adiar a satisfação dessas necessidades que se realizam por meio da imaginação. As brincadeiras infantis são, portanto, um espaço privilegiado de compreensão de si mesma e do mundo.

Leont'ev e Elkonin (citados por ARCE, 2004), baseados nos trabalhos de Vygotsky, vêem a brincadeira não como algo instintivo, mas como uma atividade por meio da qual a criança se apropria do mundo da forma como lhe é possível. A imaginação e a fantasia não têm a função de criar um mundo alheio, mas sim de possibilitar à criança se apropriar dos modos de ser e estar no mundo dos adultos, a despeito da impossibilidade de desempenhar as mesmas tarefas. Por exemplo, uma criança que representa na brincadeira o papel de mãe, professora ou médica usa da fantasia para substituir as ações reais realizadas pelos adultos. No entanto, não o faz para criar um outro mundo, mas para se apropriar desse mesmo mundo adulto.

Para esses teóricos, a brincadeira é a principal atividade de uma criança pré-escolar. Não que ela ocupe todo o tempo da criança, mas é a atividade dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que levam a transformações substanciais no desenvolvimento da criança. Considerar a brincadeira a principal atividade da criança pequena não quer dizer, também, que ela irá agir de maneira fantasiosa todo o tempo e não movida pela realidade objetiva. A criança sabe muito bem operar em uma e outra instância.

Na brincadeira, as crianças realizam ações que estão além da sua idade, fazendo com que a

imaginação funcione de forma emancipatória, ou seja, liberando-as de seu estado natural (ser criança) e colocando-as em uma posição diferenciada (ser pai, mãe, adulto). Colocando-se no papel do outro, as crianças tentam captar o mundo adulto com seus problemas, seus sentimentos, suas formas de relacionar. Juntas, em pares, sozinhas com seus brinquedos, as crianças pequenas transformam a realidade objetiva, tentando compreendê-la nos seus diversos aspectos. O brincar, portanto, constitui-se como uma prática cultural central, por meio da qual se exercitam as atividades necessárias para o desenvolvimento da criança.

A linguagem oral também acompanha a brincadeira, potencializando formas de expressão e comunicação. Por meio dela, a criança comunica seu estado afetivo, sua forma de perceber o outro, seus sonhos e expectativas. Nesse jogo de corpo, palavras, ações e sentimentos, a criança vai construindo uma dimensão do que é viver neste mundo repleto de significados simbólicos. Compartilhar da linguagem falada, entretanto, constitui um longo percurso no desenvolvimento infantil. Para que isso aconteça, é necessário que a linguagem emocional, própria dos bebês como o choro, o balbucio e as diversas manifestações que comunicam o estado afetivo da criança, se articule com o pensamento prático, dando origem ao pensamento verbal.

O pensamento verbal é aquele que, além de comunicar um estado afetivo, também comunica uma idéia. As idéias deste texto, por exemplo, são apresentadas na forma de linguagem escrita e contemplam conceitos que se constituem como pensamento verbal.

O pensamento verbal inicia-se quando a criança começa a falar e desenvolve-se durante toda a vida da pessoa. Compreender que cada coisa tem seu nome talvez seja a maior descoberta da criança. Ao aprender uma palavra, por exemplo, a palavra boneca, a criança não está apenas imitando os sons que ouve do adulto e aplicando-o ao objeto que vê. Ao contrário, está construindo um entendimento de que aquela palavra se aplica a toda uma classe de objetos semelhantes que servem para brincar. É por isso que não podemos falar em desenvolvimento da linguagem sem pensar no desenvolvimento do pensamento, ou seja, no desenvolvimento conceitual. O desenvolvimento do pensamento e da linguagem evolui, assim, de uma linha do desenvolvimento biológico para o sócio-cultural, constituindo um salto conceitual no processo de humanização.

Também não podemos falar em linguagem sem pensar no desenvolvimento dos processos de identidade do ser humano. Em suas pesquisas, Wallon (1986) explicita o jogo interativo da criança com seu meio, em que a identidade pessoal e a identidade coletiva vão se configurando. Para ele, as primeiras palavras da criança possuem um significado ambivalente, ou melhor, polivalente. Elas podem servir para designar o outro, o objeto ou a própria criança. Citamos, como exemplo, uma criança de nove meses que usava a palavra mão-mão tanto para designar sua própria mão, quanto a mão de outra pessoa, ou mesmo um desenho de mão em uma revista. Podemos analisar esse exemplo sob duas óticas:

a. A forma mais comum seria pensar que as primeiras palavras têm uma conotação particular, individual e imediata da realidade objetiva. Assim, a criança falaria a palavra mão, inicialmente, para designar sua própria mão. Depois, fazendo um exercício de generalização, tentaria aplicar essa palavra a outras situações, por exemplo, falando mão para designar a mão de uma pessoa ou mesmo um desenho, uma foto. Essa é a forma mais tradicional de pensar o desenvolvimento da criança: primeiro individualmente e depois socialmente. É por isso que dizemos que a criança vai, aos poucos, se socializando.

b. Wallon inverte esse processo. Para ele, a criança está tão integrada em seu ambiente que inicialmente não distingue o que é ela, o que são os outros, o que são os objetos. É uma maneira tão subjetiva de sentir as coisas que a sensibilidade se confunde com o objeto. Daí, a confusão entre o sujeito e o objeto, entre a ação sofrida e a ação exercida. Nesse caso, ao dizer a palavra mão, ela pode, inicialmente, não distinguir se essa palavra designa sua própria mão ou a mão de uma outra pessoa. A linguagem, nesse caso, é uma ferramenta fundamental. Por meio da palavra, a criança faz os primeiros esforços para ordenar e coordenar as diferenças individuais, isto é, de se separar do mundo que a cerca.

Essa forma de ver o nascimento cultural da criança coloca o desenvolvimento da linguagem, ou das linguagens, em lugar de destaque. Como vimos, a simbolização do mundo e a compreensão de si mesmo são processos concomitantes e criadores da constituição do ser humano. A percepção difusa que a criança tem de si mesma, no início da vida, vai ganhando contornos mais nítidos à medida que a linguagem vai se desenvolvendo. A linguagem, portanto, além de comunicar o pensamento e constituí-lo, por meio da formação conceitual, também nos ajuda a delimitar os objetos, as outras pessoas e a construir uma percepção de nós mesmos.

Desse modo, ao longo dos anos, a formação conceitual se expande. O desejo, a curiosidade e a necessidade de compreender o mundo fazem com que a fala atinja sua expressão máxima. Assim, por meio das palavras, do desenho, da observação, as crianças tentam responder a inúmeras questões que elas próprias se colocam acerca das relações sociais (Por que as pessoas se portam de determinadas maneiras?); da observação dos fenômenos da natureza (Por que o trovão é barulhento? Para onde vai o sol quando chega a noite?); do funcionamento dos artefatos humanos (O que faz o carro andar?, Como funciona o celular?). Essa investigação ocorre em todos os ambientes pelos quais as crianças transitam. Dessa forma, observando as relações estabelecidas na própria família, convivendo com a vida em sociedade, utilizando instrumentos que estão à sua disposição no cotidiano, as crianças exercitam as características que são próprias da infância.

Para finalizar, podemos dizer que a linguagem, ou as linguagens (a fala, o corpo, os gestos, a emoção) são constituintes do processo de construção da identidade. Dito em outras palavras, saber quem somos nós é um processo demorado, que se desenvolve à medida que a criança vai separando, por meio das diversas linguagens, quem é ela, quem são as outras pessoas e os outros objetos que fazem parte do seu contexto. Nesse jogo interativo de distinção do que sou eu e o que são os outros, a criança vai organizando seu mundo.

A inserção do ser humano no meio de cultura, portanto, se dá por meio de uma multiplicidade de linguagens que se relacionam, formando grandes sistemas simbólicos. E cada cultura, a seu modo, produz e reproduz formas particulares de engajamento no mundo.

Os diversos tipos de linguagem são os mediadores pelos quais nós, adultos e crianças, procuramos dar sentido à nossa existência. Isso porque o ser humano é um animal simbólico por excelência. Em resumo, corpo, fala, movimento, emoção, pensamento e imaginação estão juntos participando do milagre da vida.

### 3.3 A abertura de novos horizontes

Como vimos, o processo de desenvolvimento humano é longo, complexo e tem início desde antes de o bebê nascer. É no contato com o outro, familiares, amigos, educadores e crianças que o desenvolvimento se processa. No entanto, um desenvolvimento adequado requer certas condições. Entre elas, merecem destaque: o acolhimento e a escuta das demandas da criança; o respeito ao tempo próprio; a estimulação da curiosidade e da imaginação; a organização de uma vivência coletiva.

O acolhimento e a escuta das demandas da criança são essenciais para seu pleno desenvolvimento. Escutar não é tarefa fácil, pois nem sempre as demandas das crianças aparecem de forma verbalizada. Interpretar o desejo da criança que aparece nas brincadeiras, nas formas silenciosas de revelar suas emoções, nas birras, ou mesmo nos momentos de aconchego e carinho requer, do adulto, uma observação apurada.

Especialmente no caso da escuta, devemos averiguar se a demanda vem em forma de busca de um conhecimento específico. Sendo assim, acreditamos que uma forma de respondê-la poderia ser a criação de um ambiente estimulador que apóie a curiosidade e incentive a investigação. Nas instituições escolares, demandas dessa natureza são comuns. Identificá-las e transformá-las em atividades propícias para promover o desenvolvimento das crianças é tarefa do professor.

Quanto ao acolhimento, também se refere às necessidades básicas de sono e alimentação. Em casa e na creche, é importante que respeitemos a rotina da criança, que envolve momentos de sono, higiene, alimentação e aconchego. Preparar os ambientes adequados para cada um desses momentos exige sensibilidade e arte. Assim, uma música calma, uma história contada ou lida, palavras carinhosas fazem parte do ritual de preparação para o sono. Sabemos que, muitas vezes, as crianças encontram-se agitadas e precisam de auxílio para o relaxamento necessário para o adormecimento. Da mesma forma, uma mesa posta com o auxílio das crianças, pratos esteticamente arranjados aguçam o paladar na hora de se alimentar. O estímulo à autonomia também se faz necessário, por exemplo, na hora da aprendizagem da higiene pessoal. Escovar dentes, tomar banho podem ser tarefas feitas com prazer e alegria.

Acolhimento e escuta também são necessários nos momentos de encontros e desencontros. As crianças divergem com muita facilidade e estão sempre recorrendo aos adultos para solucionar problemas do dia-a-dia. Logo, ouvir os diferentes pontos de vista, deixar que elas elaborem seus argumentos, ensiná-las a ponderar, a conter a raiva e a agressão física também são formas essenciais que potencializam o desenvolvimento infantil.

Em todas essas tarefas, o tempo é fator preponderante. Se a relação com a criança pequena for permeada por um tempo que não é o dela, no qual ela tem que cumprir determinadas exigências do mundo adulto, o desenvolvimento se vê tensionado. Para que haja um desenvolvimento adequado, é importante o respeito tanto pelo tempo biológico - amadurecimento das funções biológicas e psicológicas - quanto do tempo pessoal, em que a criança se debruça na realização de determinada tarefa. De nada adianta ação em demasia com crianças ainda tão pequenas. Disso, pouco se aproveita. Para aprender, tanto os

conhecimentos do cotidiano quanto os veiculados pela escola, é necessário que a criança possa realizar a atividade tantas vezes quantas forem necessárias. Como vimos anteriormente, a repetição, as idas e vindas fazem parte do processo de aprendizagem. Aliás, as conquistas resultam de processos que, por características próprias, são lentos e ocorrem durante um longo período do desenvolvimento humano.

Assim como o tempo, o espaço também se configura como condição importante para o desenvolvimento infantil. A configuração do espaço, portanto, precisa ser pensada de forma a promover oportunidades de exploração. O bebê, por exemplo, precisa de espaço para realizar movimentos amplos, para engatinhar, para explorar o ambiente. Crianças maiores necessitam transitar por espaços que vão além de sua casa, como os parques, as áreas verdes, o contato com a natureza. As crianças necessitam de atividades físicas para que tenham um crescimento saudável. Outros espaços também vão fazendo parte da conquista das crianças, conforme seu meio cultural. Assim, o clube, a igreja, a casa de familiares e tantos outros lugares passam a compor o universo de exploração do mundo físico e social das crianças pequenas.

Estimular a curiosidade e a imaginação também se apresenta como uma condição necessária para um desenvolvimento adequado. A ampliação dos espaços culturais, para além da casa e da família, estimula a curiosidade e imaginação das crianças em vários aspectos. Conhecer pessoas diferentes, fazer viagens, ter contatos com objetos variados, experimentar a sensação de descer um escorregador, de abraçar os amiguinhos, de nadar e brincar na areia são experiências formadoras que abrem possibilidades para múltiplas interrogações. Quanto mais liberdade a criança tem para perguntar, problematizar e investigar aspectos do mundo natural e social, maior chance de expandir suas linguagens, sua forma de perceber, imaginar e organizar o mundo ela terá. É engano pensarmos que a criança possui uma imaginação mais fértil que o adulto. Na verdade, a imaginação se desenvolve como qualquer outra função psicológica. E necessita da linguagem para se desenvolver. Por conseguinte, a riqueza de experiências amplia o repertório cultural da criança, que poderá se expressar tendo a imaginação como suporte. Acreditamos, portanto, que, para que haja um desenvolvimento promissor da imaginação, é preciso haver também uma diversidade de vivências e experiências que possibilitem à criança registrar impressões diversificadas nos primeiros anos de vida. O ato criador não acontece apenas para certos indivíduos iluminados, mas faz parte de uma maneira inovadora de abordagem do mundo que se faz no cotidiano.

Por último, queremos salientar que é importante que as crianças vivenciem, nas práticas culturais coletivas, essas experiências. É na troca, na convivência, confrontando diferentes pontos de vista, criando embates e construindo laços afetivos que o ser humano avança em seu processo de crescimento. É convivendo com outras crianças, trocando informações, brincando, compartilhando angústias e segredos que elas produzem uma cultura própria que lhes permite construir um mundo infantil ao mesmo tempo em que compartilham com os adultos a cultura de seu grupo social.

Sendo assim, cabe ao adulto a tarefa de criar ambientes estimuladores e acolhedores que ampliem as possibilidades de desenvolvimento das crianças. Como representante da cultura, seu papel é apoiar e potencializar as explorações da criança, enxergando-a como parceira ativa no processo de desenvolvimento. Nesse encontro, todos aprendem.

## 4. CONCLUSÃO

A infância não é uma só, mas várias. Desde o surgimento dessa idéia, diversas perspectivas sobre o entendimento do que é ser criança foram se configurando.

A metáfora da infância como novidade, como vimos, trouxe um referencial pouco usual na forma de abordagem desse momento de formação humana: associar ao desenvolvimento de todo ser humano o fator cultural, abrindo possibilidades de renovação.

Vimos, ainda, que as questões de classe social, etnia e gênero também perpassam o universo infantil. Portanto, a idéia romantizada de uma infância alheia aos problemas vivenciados por outros grupos geracionais não tem mais sustentação.

Refletimos, também, sobre as especificidades da infância, iniciando pelo duplo nascimento do ser humano: o nascimento biológico e o cultural. Essas duas instâncias se colocam em constante tensão, fazendo com que a trajetória do ser humano seja sempre um movimento de superação das contingências postas tanto pelo corpo (as possibilidades que ele nos oferece e os constrangimentos que impinge), quanto pelo meio cultural a que pertencemos.

Discorreremos, também, sobre noções consolidadas do desenvolvimento infantil, que apresentam um quadro variado do percurso das crianças entre zero a seis anos, a saber: as conquistas no plano físico e fisiológico; as conquistas no plano simbólico, como o desenvolvimento da representação, da fala, da brincadeira, da linguagem corporal e dos afetos. Nesse ponto, chamamos atenção para o papel da escola no processo do desenvolvimento humano. É um lugar, por excelência, para ampliar o conhecimento adquirido pelo convívio com sua família e com outros grupos de sua comunidade. Acreditamos que a criação de um ambiente saudável, estimulador e aconchegante seja a pedra fundamental para que as crianças compreendam melhor sobre si mesmas e sobre a realidade que as cerca.

Nesse sentido, o professor tem papel preponderante. É quem acolhe, ampara, apóia a criança, estimulando a compreensão de si e do mundo. Por meio de sua ação junto à criança e ao ambiente, o professor abre oportunidades de aprendizagem que não se esgotam no ambiente escolar. O seu carisma e a confiança que deposita na criança estimulam a construção da identidade de cada um do grupo, fazendo dos momentos de encontro, momentos de formação da personalidade e do caráter. Representante da cultura e mediador por excelência, o professor das crianças pequenas tem o papel não só de apresentar a vastidão do mundo cultural no qual a criança está inserida, como também de construir pontes para que as experiências e vivências infantis possam se consolidar. Portanto, conhecimento, perspicácia e afetividade são condições essenciais a um bom professor da educação infantil.

Ademais, é na tensão entre a apropriação dos conhecimentos sobre a infância e o encontro mesmo com as crianças que mora o trabalho do professor. Não podemos negar o conhecimento já sistematizado que a humanidade produziu, mas temos que reservar um

lugar para que possamos encontrar com esse novo que nos desarma e rompe com o que já sabemos. Escutar as crianças, observá-las, deixar-se invadir pelo que elas trazem de novidade, de peculiaridade é o convite maior que fazemos aos professores. Que todos nós embarquemos nessa grande aventura!...

## 5. BIBLIOGRAFIA

ARCE, A. *O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel*. Cadernos Cedes, vol 24, no. 62, pg 9-25, 2004.

GOULART, M. I. M., (2005). *A Exploração do Mundo Físico pela Criança: Participação e Aprendizagem*. 2005. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

GOULART, M.I.M. *Lição de Aprendiz: análise de uma proposta pedagógica na escola municipal da Vila Fátima 1992*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

GOULART, MIM. *A criança e a construção do conhecimento*. In Carvalho, A. Salles, F. Guimarães, M. Desenvolvimento e aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LARROSA, J. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, E.S. *Como a criança pequena se desenvolve*. São Paulo: Editora Sobradinho, 2001.

LIMA, E.S. *A criança pequena e suas linguagens*. São Paulo: Editora Sobradinho, 2002.

LIMA, E.S. *Conhecendo a criança pequena*. São Paulo: Editora Sobradinho, 2001.

SARMENTO, M.J. e CERISARA, A.B. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa Editores, 2004.

SARMENTO, M.J. *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. Educação e Sociedade, vol. 26, no. 91, p. 361-378, 2005.

MARTINS FILHO, A.J. *Voices da Infância: alguns apontamentos sobre as culturas das crianças e sua educação*, Presença Pedagógica, no. 79, in press.

PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 387p.

PINO, A. *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vygotsky*. São Paulo: Cortez, 2005.

SALGADO, S. *Retratos de crianças do êxodo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WALLON, H. *As origens do caráter na criança*. In Werebe, Brulfert (org) Henri Wallon. São Paulo: Ática, 1986.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

WARTOFSKY, Marx. *A construção do mundo da criança e a construção da criança do mundo*. In: KOHAN, KENNEDY. Filosofia e Infância: possibilidades de um encontro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. In: Obras Escogidas. Madrid: Visor, 1993. v.2.

### **Fotos e imagens:**

FOTOS de Sebastião Salgado disponíveis em:

<http://www.uc.pt/iej/alunos/2001/sebastiaoSalgado/rosto1.html>

Imagem de Rodin disponível em:

<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/896>



## **ORIENTAÇÃO DE ESTUDO**

**1. O texto Infância (s): crianças de 0 a 6 anos e suas especificidades contempla conceitos importantes que discutem o desenvolvimento do ser humano nos primeiros anos de vida. Dentre eles, destacamos os conceitos de: infância, geração, alteridade, nascimento cultural do ser humano, mediação, funções psicológicas.**

**Tendo em vista esses conceitos, escolha dois deles e redija um pequeno texto sobre os conceitos escolhidos, procurando articulá-los com sua vivência.**

**2. Comente, em um parágrafo, a afirmativa: “[...] a sociedade e a cultura não determinam, de forma absoluta, aquilo que a criança vai ser. Ao agir, ela reconstrói o mundo em que vive. Por meio de sua curiosidade, inventividade e capacidade de colocar o mundo às avessas, a criança também é agente de sua própria construção. Daí o seu caráter dialético: ao mesmo tempo em que a cultura produz a criança, ela, por sua vez, reconstrói a cultura à sua maneira”.**

**Comentários:**

**3. Durante muito tempo, a sociedade conviveu com duas teorias sobre a infância, a saber: a Teoria do Homúnculo e a Teoria do Selvagem. Explique cada uma delas e explicita a concepção de infância com a qual temos convivido nos dias de hoje.**

**4. Complete o quadro sobre o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento cultural da criança de zero a 6 anos: características e importância desse conhecimento para a prática pedagógica.**

	Desenvolvimento Biológico	Desenvolvimento cultural
Principais características		
Importância desse conhecimento para a prática pedagógica		

**5. As afirmativas referem-se às especificidades do desenvolvimento de crianças de zero a seis anos. Marque com V as verdadeiras e com um F as falsas.**

- ( ) Para Wallon, o ser humano é organicamente social.
- ( ) Wallon destaca a emoção como a primeira manifestação humana, rumo a uma simbolização.
- ( ) O choro do recém-nascido é um exemplo claro para ilustrar que no início da vida humana o desenvolvimento biológico e cultural estão dissociados.
- ( ) No primeiro ano de vida, a criança ainda não é capaz de compartilhar com os membros do seu grupo os diversos sistemas simbólicos que fazem parte de sua cultura.
- ( ) O ambiente cultural em que a criança vive é fundamental para o desenvolvimento das diversas linguagens.

**6- a) Complete o quadro com 4 atividades possíveis de serem trabalhadas com as crianças da Educação Infantil, nas faixas de 0 a 3 anos e de 4 a 5 anos de idade.**

	Crianças entre 0 a 3 anos	Crianças entre 4 e 5 anos
Atividades relacionadas ao corpo e movimento		
Atividades relacionadas ao desenvolvimento das diversas linguagens		

**b) Escolha uma das atividades em cada faixa etária e explicita de que maneira ela pode potencializar o desenvolvimento infantil.**

**7- O autor do texto discute sobre as infâncias presentes nos diversos espaços sociais e culturais. Para que possamos concretizar as proposições teóricas lançadas pelos diversos autores estudados, é necessário que conheçamos as crianças com as quais iremos trabalhar.**

**Elabore um pequeno projeto que envolva o conhecimento das futuras crianças com as quais irá conviver no espaço escolar, especificando objetivos, instrumentos e estratégias que viabilizarão a realização desse projeto.**

Eis algumas dicas para a construção do projeto. Inicialmente, você terá que eleger uma faixa etária. Como exemplo, sugerimos o levantamento do universo cultural de crianças de 4 anos. Para isso, recomendamos:

- conversas na roda, estimulando as crianças a comentarem sobre suas vidas, sua família, as atividades que gostam ou não de fazer;
- organização do material coletado na roda, organizando-o em pequenos quadros escritos pela professora que serão lidos posteriormente e ilustrados pelas crianças. Esse material poderá compor um grande livro coletivo da turma;
- o livro poderá ser nomeado coletivamente e levado para a casa de cada uma das crianças para que a família escreva, desenhe, se manifeste;
- o livro também pode conter fotos de toda a turma com uma pequena biografia de cada criança;
- visitas programadas às casas das crianças também são uma ótima oportunidade de conhecer as famílias.
- outra possibilidade é organizar, na escola, uma recepção das crianças para os pais. Nesse dia, as crianças poderão preparar todo o lanche, ilustrar cardápios, servir aos pais, apresentar uns aos outros.

## RESPOSTAS:

1) Escolhidos os conceitos, é importante que o aluno ou a aluna fique atento para uma possível articulação do conceito explicitado com suas próprias vivências. Por exemplo: se o aluno optou por descrever o conceito de infância, é importante que ele faça uma breve retrospectiva histórica, mostrando como esse conceito foi se transformando ao longo dos anos e o que entende por infância de direitos. Como articulação desses conceitos com suas vivências, poderão ser feitas pequenas análises de fatos da atualidade. Por exemplo, nos tempos atuais, houve a entrada definitiva da televisão, como um eficiente instrumento de pedagogia cultural, constituindo uma infância consumista, excessivamente despertada para a sensualidade, para a violência e para outros valores nefastos à formação humana.

2) Os comentários devem refletir a forma como o aluno ou a aluna compreendeu a dialética entre o sujeito e a coletividade. Por um lado, a cultura em que vivemos apresenta características importantes que vão forjando as novas gerações. As crianças, dentro dessa cultura, sofrem as determinações sociais de forma muitas vezes contundentes por estarem em um momento de formação humana em que os significados sociais estão sendo construídos. Por outro lado, por meio das brincadeiras, das ações, das demandas, as crianças transformam os espaços que ocupam. Essa dupla forma de estar inserido socialmente promove tensões que impulsionam o desenvolvimento infantil.

3) Espera-se que o aluno faça uma síntese das idéias contidas no texto, mostrando que ambas as concepções consideram o sujeito-criança como um ser passivo. Contrapondo-se a essas concepções, reconhecemos, nos dias de hoje, a capacidade da criança de ser parceira e interlocutora com outros grupos geracionais. Isso nos mostra outra dimensão do desenvolvimento humano, fazendo-nos compreender que cada momento da vida humana é singular e complexo, independentemente da faixa etária dos sujeitos.

4) O aluno ou a aluna pode citar diversas características do desenvolvimento humano e cultural.

Exemplos:

	Desenvolvimento Biológico	Desenvolvimento cultural
Principais características	Bebê humano nasce precário. O desenvolvimento neurológico se faz ao longo do tempo. O cérebro humano é dotado de grande plasticidade. Movimento, percepção, memória e emoção desenvolvem-se concomitantemente.	A criança se desenvolve na cultura. As interações sociais são preponderantes para o desenvolvimento cultural da criança. No desenvolvimento cultural da criança o outro exerce um papel primordial, sendo o responsável por mediar os significados da cultura na qual a criança está inserida. Aprende-se por meio da participação em práticas sociais concretas.
Importância desse conhecimento para a prática pedagógica	A prática pedagógica que considere tanto a precariedade quanto as possibilidades de desenvolvimento da criança tem como eixo o cuidado e a educação. O ambiente deve ser cuidadosamente pensado e preparado para as inúmeras possibilidades de exploração da criança.	Os valores culturais são o eixo do trabalho com a criança pequena, tendo em vista seu desenvolvimento cultural. O trabalho coletivo deve ser valorizado. Colocar a criança em contato com a produção cultural expressa na música, nas artes plásticas, nas brincadeiras, nos livros, nos ambientes sociais é fundamental. A exploração do meio físico e natural promove uma consciência da relação dos sujeitos no meio ambiente.

5) V-V-F-F-V

6) a) Resposta pessoal. Dentre diversas possibilidades, citamos algumas:

	Crianças entre 0 a 3 anos	Crianças entre 4 e 5 anos
Atividades relacionadas ao corpo e movimento	Passeios pela instituição de educação infantil explorando suas diversas possibilidades. Exploração do corpo por meio da música e da dança. Reconhecimento do corpo em momentos de cuidado como a hora do banho, da alimentação, etc.	Jogos e brincadeiras dirigidas. Jogos e brincadeiras espontâneas ou dirigidas pelas próprias crianças. Exploração de trilhas previamente organizadas pela professora. Dança e música. Passeios pela escola e pela cidade.
Atividades relacionadas ao desenvolvimento das diversas linguagens	Histórias contadas, com ou sem a presença de livros, com fantoches, representações. Músicas para ouvir, cantar e dançar. Desenhos livres, exploração de diversos materiais plásticos como tintas, argilas, massinhas, lápis cera, etc. Observação de plantas e animais.	Brincadeiras de faz-de-conta Contar ou ler histórias, dramatizações, recontos, ilustrações de livros. Músicas para ouvir, cantar e dançar Desenhos livres, dirigidos, de observação, com interferência. Diferentes formas de registro. Exploração de diversos espaços da cidade como praças, parques, museus, bibliotecas, etc Observação de animais, plantas e fenômenos da natureza. Registro das observações em forma de desenhos ou outros instrumentos (maquetes, construções, gráficos, etc) Observação do corpo humano Observação da vida em sociedade com exploração de diversos aspectos como por exemplo: as diversas profissões, as diversas composições familiares, as diversas organizações escolares, etc

6 b) O aluno ou a aluna poderá eleger uma atividade da lista e desenvolvê-la articulando as possibilidades de desenvolvimento da criança, como, por exemplo, contar histórias. Essa atividade potencializa o desenvolvimento da linguagem oral, a ampliação do vocabulário da criança, além de ampliar formas de significação do mundo cultural, uma vez que as histórias abordam temáticas que revelam os valores e a cultura daquele povo. Para crianças entre 3 a 5 anos, as histórias de outros povos podem ser exploradas de forma a ampliar o conhecimento cultural da turma: onde se passa a história, que país é esse, que língua falam, quais são seus valores, semelhanças e diferenças com o povo brasileiro.

7) A questão já traz sugestões. Espera-se que o aluno ou a aluna seja capaz de desenvolver formas de investigação do universo cultural dos alunos a partir do exemplo citado.





## **ESTUDO COMPLEMENTAR**

GOULART, M.I.M. *A criança e a construção do conhecimento*. In Carvalho, A. Salles, M.A. Guimarães, M. Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002

OLIVEIRA, Z. Mello, A. Vitória, T. Ferreira, M.C. *Creches: crianças, faz de conta & cia*. RJ:Vozes, 1992.

MUNIZ, L. *Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural*. In: Kramer, S. at all. *Infância e Educação Infantil*. SP: Papirus, 1999.

ISBN 978-85-88221-16-1



O Curso de Pedagogia UAB UFMG proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais visa à formação inicial de professores para a Educação Infantil e os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um curso a distância, com momentos presenciais, desenvolvido pela UFMG em parceria com prefeituras de municípios onde foram criados os Pólos Municipais de Apoio Presencial, nos moldes definidos no Edital SEED/MEC no 1/2005, de 16 de dezembro de 2005.

O curso de Pedagogia UAB UFMG tem como referência o curso Veredas – Formação Superior de Professores, oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais. O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e dinâmica de gestão.

O Curso de Pedagogia UAB UFMG foi organizado na forma de um curso de graduação plena, distribuído em oito módulos, com duração prevista de quatro anos. Habilita para o exercício do magistério na educação infantil e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as determinações legais vigentes no Brasil.

